

Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração (*)

SÓNIA CARIDADE (**)
CARLA MACHADO (**)

INTRODUÇÃO

A violência entre pessoas ligadas por laços de intimidade não é um fenómeno recente. A história tem mostrado que a violência sob as mais diversas formas tem sido prática comum desde os tempos mais remotos (Gelles, 1997). Mais especificamente, Walker (1994) afirma que as mulheres sempre foram maltratadas pelos homens, assumindo um estatuto de subordinação e subserviência.

No entanto, a violência só se constituiu como um problema social específico em meados do século passado, nomeadamente a partir da década de 60. Desde então, a violência exercida contra as mulheres

no contexto das relações íntimas tem sido objecto de forte e crescente atenção social e científica ao nível internacional. Também em Portugal, sobretudo a partir do início da década de 90, se começa a verificar uma maior consciencialização sobre a gravidade e dimensão do problema da violência na intimidade.

Num primeiro momento a investigação desta temática centrou-se quase exclusivamente na violência marital e só muito recentemente se verificou um alastramento da investigação a outros grupos específicos, como é o caso da violência nos sectores juvenis, comumentemente referenciada na literatura internacional como “*dating violence*” ou “*courtship violence*”. Esta dilatação do foco da atenção por parte da comunidade científica adveio da administração de inquéritos de vitimação a outros grupos sociais, evidenciando níveis inquietantes de violência na intimidade juvenil e comprovando que este tipo de abuso não se circunscreve às relações conjugais (e.g., Price & Beyers, 1999). Por outro lado, os estudos demonstram que nestas situações, e caso a relação se prolongue no tempo, a violência tende a aumentar em termos de frequência e gravidade (Hamberg, Holtzworth & Munroe, 1994), constituindo um factor preditor da violência conjugal (Hamby, 1998; Barnes & Acker, 1995; O’Leary, Malone & Tyler, 1994 cit. in Lavoie, Robitaille & Hébert, 2000). Efectivamente, de uma forma geral, os casamentos abusivos são precedidos de relações de namoro

(*) Este estudo foi desenvolvido no âmbito do projecto “Enquadramento Cultural da Violência contra Mulheres e Crianças” (POCTI/PSI/37770/2001), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e pelo Programa Operacional Ciência, Tecnologia e Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III, com participação do fundo comunitário europeu FEDER.

Toda a correspondência sobre este artigo deverá ser remetida para: Carla Machado, Departamento de Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Campus de Gualtar, 4710 Braga, Portugal. E-mail: cmachado@iep.uminho.pt

(**) Departamento de Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

violentas e caracterizadas por estratégias de controlo e restrição da autonomia da mulher (Matos, 2000).

Apesar de, ao nível nacional, a investigação nesta área ser escassa, começam a encetar-se alguns projectos neste domínio. Assim, existem estudos sobretudo preocupados em determinar a prevalência da perpetração e vitimização dos diferentes tipos de abuso no relacionamento íntimo dos jovens adultos universitários (e.g., Machado, Matos & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004), a par de outros que estendem este objectivo a diferentes grupos etários e sociais (e.g., estudantes do ensino secundário e em formação profissional, bem como jovens inseridos na vida activa), procurando igualmente investigar a forma como esta população percebe e significa os diferentes tipos de maus tratos (e.g., físicos, psicológicos e sexuais) experienciados na intimidade (Caridade, 2004)¹. Concomitantemente, começamos a assistir à concepção, implementação e avaliação da eficácia de programas de prevenção primária da violência junto de estudantes do ensino secundário (e.g., Silva & Matos, 2001; Caridade & Matos, 2003; APAV, 2004).

PREVALÊNCIA DA VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES ÍNTIMAS JUVENIS

A adolescência constitui uma fase de vida frequentemente caracterizada por múltiplas experiências de relacionamento, onde as identidades sexuais e de género emergem e se clarificam (Paul & White, 1990 cit. in Jackson, 1999). No entanto, por vezes, esta fase é igualmente marcada por dinâmicas sociais adversas, como é o caso da violência.

A definição do conceito de violência tem sido alvo de alguma controvérsia ao nível da literatura, assistindo-se à emergência de diferentes conceptualizações que originam uma disparidade de dados de prevalência (Arriaga & Oskamp, 1999). A esta falta de uniformização na enunciação do conceito, acrescem a variedade de instrumentos e/ou metodologias utilizadas na medição dos comportamentos violentos, a ausência de estudos longitudinais, as diferenças verificadas ao nível da amostragem

(Glass, Fredland, Campbell, Yonas, Sharps & Kub, 2003) e uma centração predominante na medição do abuso físico (Gover, 2004), como outras explicações plausíveis para a grande dispersão dos valores apresentados pela investigação no âmbito da violência nas relações de namoro.

Apesar disto, sabe-se hoje que os adolescentes envolvidos em relações amorosas experimentam múltiplas formas de abuso (e.g., físico, psicológico, verbal, sexual), começando a perceber-se a verdadeira amplitude de um fenómeno que durante anos foi ocultado, em parte devido à centração da investigação nas relações maritais. Assim, um estudo realizado por Berry (2000) indica que 20% a 30% dos jovens envolvidos em relações de namoro experienciam violência e Moffitt, Caspi, Fagan e Silva (1997) estimam que a prevalência da violência entre jovens adultos se situará entre os 21,8% e os 55%. Por sua vez, uma revisão de vinte estudos efectuada por Sugarman e Hotaling (1991 cit. in Mahoney, Williams & West, 2001) arbitra que cerca de 28% dos homens e mulheres, em algum momento das suas vidas, terão estado ou estarão inseridos numa relação de namoro que envolve actos de violência, sendo que a ocorrência destes actos abusivos é mais provável em relações afectivas mais duradouras e em que existe coabitação. Um outro estudo realizado em Espanha com mulheres que tinham solicitado apoio devido aos maus tratos sofridos ao longo das suas relações amorosas, demonstrou igualmente que em 18,2% dos casos as agressões já se tinham iniciado antes de existir coabitação (Gómez, Méndez-Valdivia, Izquierdo, Muniz, Díaz, Herero & Coto, 2002 cit. in Machado, Matos & Moreira, 2003).

Ao nível nacional, as evidências empíricas corroboram estes dados. Assim, alguns estudos realizados com estudantes universitários demonstraram que uma percentagem significativa de estudantes adopta condutas violentas no contexto das suas relações de namoro (Machado, Matos & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004). Machado, Matos e Moreira (2003) constataram que, no conjunto dos sujeitos que estavam envolvidos em relacionamentos amorosos, 15.5% referiam ter sido vítimas de pelo menos um acto abusivo e 21.7% admitiam ter adoptado este tipo de condutas em relação aos seus parceiros amorosos. De igual modo, Paiva e Figueiredo (2004) verificaram que, em termos quer da perpetração quer da vitimização, a agressão psicológica é o tipo de abuso mais prevalente na amostra (53.8-50.8%),

¹ Estudo desenvolvido com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/18540/2004).

seguido da coerção sexual (18.9-25.6%) e do abuso físico sem sequelas (16.7-15.4%), sendo o abuso físico com sequelas menos frequente (3.8-3.8%).

Numa análise mais detalhada dos comportamentos específicos que este tipo de violência reveste, a literatura evidencia o mesmo tipo de condutas presentes no contexto marital, ainda que, de acordo com a maioria dos estudos, a violência no namoro se caracterize, quase sempre, por actos “menos graves” de violência (e.g., Gelles, 1997). Numa tentativa de detalhar os tipos de violência experienciados no namoro, Price, Byers e o Dating Violence Research Team (1999) analisaram várias investigações, concluindo que o abuso verbal se situa entre os 11% (Bergman, 1992) e os 15% (Mercer, 1988), o abuso físico varia entre os 9% (Roscoe Calhan, 1995) e os 43% (O’Keefe, 1997) e o abuso sexual oscila entre os 16% (Bergman, 1992) e os 20% (Mercer, 1988). Relativamente a este último aspecto convém, aliás, salientar que alguns estudos (e.g., Berry, 2000) indicam que a violação e outras formas de agressão sexual são mais comuns e/ou mais relatados pelos jovens envolvidos em relações de namoro. Neste sentido, Michael (1994, cit. in Machado, Matos & Moreira, 2003) refere que 22% das mulheres que foram questionadas acerca de experiências de vitimação sexual, revelavam ter sido forçadas à prática de actos indesejados pelos seus namorados. Do mesmo modo, Day (1994) menciona que cerca de 45% das violações que envolvem estudantes universitárias são perpetradas pelos seus parceiros amorosos.

Desta forma, torna-se importante referir que, apesar de a “violência menor” poder ser dominante, é também possível no contexto do namoro experienciar formas de abuso mais severas, quer no plano sexual, quer físico e emocional. A coerção, a intimidação, o isolamento e um conjunto de outras tácticas de controlo que Johnson (1995 cit. in Arriaga & Oskamp, 1999) designou de “terrorismo patriarcal”, também caracterizam por vezes as relações afectivas da população juvenil.

No que concerne às faixas desenvolvimentais envolvidas neste perfil de relações, os resultados empíricos confirmam que a violência na intimidade dos jovens pode ser experienciada desde a pré-adolescência, passando pela adolescência, até à idade adulta (Lavoie, Robitaille & Hébert, 2000). Alguns autores (e.g., Bergman, 1992; Foshee *et al.*, 1996 cit. in Black & Weisy, 2003) sustentam que entre 12 a 59% dos estudantes universitários

já foram alvo de algum tipo de abuso nas suas relações amorosas. Num outro estudo, cerca de 20% dos estudantes universitários admitiam ter experienciado violência na sua intimidade (Lane & Gwartney-Gibbs, 1985 cit. in Englander, 1997). Por sua vez, e não obstante a escassez de estudos ao nível do ensino secundário, estes evidenciam números de violência nada triviais, que vão desde os 9% aos 46% (e.g., Watson, Cascardi, Avery-Leaf & O’Leary, 2001 cit. in Gover, 2004). Dados menos alarmantes são os de um outro estudo, com uma amostra de idades compreendidas entre os 12 e 17 anos, no qual 2% reportaram lutas com o(a)s namorado(a)s ou companheiro(a)s (Centers of Disease Control, 1994 cit. in Moffitt & Caspi, 2002).

VITIMAÇÃO, AGRESSÃO E GÉNERO

Os estudos desenvolvidos na área da violência na intimidade juvenil vieram contraditar uma alegação comum acerca da essência desta forma de abuso, nomeadamente a de que o homem é o seu perpetrador e a mulher a sua vítima. Muito embora vários autores apoiem esta tese (e.g., Bachman, 1998; Rennison & Welchans, 2000; Coker *et al.*, 2000), a maioria das investigações internacionais e nacionais desenvolvidas nesta área revela que a violência entre companheiros amorosos se caracteriza por trocas mútuas de agressões (e.g., Magdol *et al.*, 1997; Lewis & Fremouw, 2002; Machado, Matos & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004; Straus, 2004), evidenciando que as mulheres podem ser fisicamente tão violentas como os homens e, por vezes, ainda mais (Bookwala *et al.*, 1992; O’Leary & Breslice, 1990; White & Ross, 1991 cit. in Jackson, 1999). A título exemplificativo, podemos citar o estudo de White e Koss (1991 cit. in Lewis & Fremoux, 2001), no qual 37% dos homens reconheceram infligir violência às suas parceiras, enquanto 39% reportaram ter sido vitimados por aquelas. Adicionalmente, apuraram que 35% das mulheres tinham perpetrado violência contra os seus companheiros, enquanto 32% se caracterizavam como vítimas dos mesmos.

Outros indicadores de prevalência certificam este dado. Assim, numa revisão da literatura sobre os factores de risco associados à violência, Straus e Medeiros (2002) constataram que 57% dos factores de risco relacionados com violência severa contra

o parceiro envolvem ambos os sexos. Esta simetria de género foi igualmente constatada num outro estudo envolvendo quatro amostras de sujeitos provenientes de contextos culturais distintos (Straus & Ramirez, 2002).

Um passo mais além na compreensão destes resultados é dado pelo trabalho de Molidor e Folman's (1998 cit. in Worcester, 2002), que verificou que não existem diferenças quantitativas entre homens e mulheres no que concerne à perpetração dos comportamentos abusivos, mas que do ponto de vista qualitativo estes se diferenciam. Assim, quando se analisa o contexto e as consequências do abuso perpetrado, as mulheres experienciam mais níveis elevados de violência severa e reacções emocionais mais acentuadas comparativamente com os homens. De facto, quando se atende à violência severa, os autores (e.g., Stets & Straus, 1990; Straus *et al.*, 2002) evidenciam algum consenso ao considerar que o sexo masculino é mais perpetrador deste tipo de abuso. De igual modo, uma análise dos efeitos indica que a violência masculina resulta, na maioria das vezes, em sequelas mais graves que a exibida pelas mulheres (Molidor & Felman, 1998 cit. in Gover, 2004; Straus & Ramirez, 2002).

Alguns autores (e.g., Nutt, 1999) que se têm debruçado sobre as questões de género postulam que as diferenças a este nível se acentuam sobretudo na adolescência. Entendem que esta fase é um período crítico em termos de mudanças e de conflitos de papéis, sendo que as mensagens de socialização que as mulheres recebem e interiorizam, as vão tornando, com a passagem dos anos, progressivamente mais vulneráveis ao envolvimento em relações violentas, nomeadamente à vitimização. Por sua vez, Saunders (2002) argumenta que os estudos que apontam para níveis similares de perpetração de violência entre homens e mulheres ignoram o facto de as mulheres agirem, a maior parte das vezes, em auto-defesa, destacando que na análise deste tipo de abusos é necessário atender à génese da violência, seus motivos e consequências. Do mesmo modo, a reciprocidade da violência é contestada pelas perspectivas feministas, que consideram os instrumentos usualmente utilizados nos estudos citados (e.g., CTS – *Conflict Tactics Scale*) desajustados e problemáticos. Entre várias críticas, que não cabe no objectivo deste texto analisar, destacamos o facto de tais medidas não possibilitarem o conhecimento da etiologia dos actos abusivos, permitindo apenas aceder à sua frequência (cf. Currie, 1998).

Similarmente, Jackson (1999) considera que o *Conflict Tactics Scale* negligencia questões como motivações, intenções e consequências do comportamento violento.

Mais recentemente, Dobash e Dobash (2004) reconhecem que os resultados das investigações na área do género e da violência íntima são contraditórios, dissecando os dados em duas direcções. Por um lado, consideram que a investigação aponta para a existência de um tipo de violência simétrica (em que homens e mulheres são igualmente abusivos) e, por outro, destacam as indicações no sentido de existir um tipo de violência assimétrica, da qual os homens são os principais perpetradores. Os autores preconizam que na origem destes dados contraditórios estão questões de índole metodológica, mais concretamente a forma como a violência é conceptualizada, medida e reportada nos diferentes estudos. Assim, na sua opinião, os estudos baseados em inquéritos populacionais apontam para um tipo de violência simétrica, pelo menos em parte porque – tal como explicámos anteriormente – os actos de agressão não são analisados em termos de contexto, consequências, motivações, intenções e reacções. Já os estudos no âmbito da violência contra a mulher, de cariz usualmente mais clínico, focalizam-se na violência assimétrica, espelhando diferenças em termos de género na sua perpetração, bem como nas suas consequências. Assim, nesta lógica de pensamento, as situações em que as mulheres recorrem à violência diferem em termos de natureza, frequência, intenção, intensidade e impacto daquelas em que os homens o fazem.

Finalmente, uma outra leitura destes resultados discrepantes pode emergir se confrontarmos os dados obtidos referentes à violência no namoro com os indicadores relativos ao contexto conjugal. De facto, usando os mesmos instrumentos de medida e metodologias de recolha, Machado, Matos e Moreira (2003) não encontraram diferenças de género significativas no contexto das relações amorosas dos jovens universitários, mas estas emergiram quando analisaram as relações de tipo conjugal (Machado, submetido para publicação). Efectivamente, nestas as mulheres eram claramente mais vitimizadas, e de forma mais severa, do que os homens. Duas explicações para esta discrepância são sugeridas: por um lado poderá acontecer que tal se deva à diferença etária entre amostras e às crenças mais igualitárias da população juvenil; por outro, poderá suceder que as transformações estruturais usualmente associadas ao casamento (e.g., maior controlo familiar, filhos,

dependência económica) transformem as relações de poder estabelecidas entre o casal, aproximando-as mais dos modelos tradicionais de relacionamento de género (Machado, submetido para publicação).

DAS CRENÇAS E ATITUDES ENVOLVIDAS NA VIOLÊNCIA

Vários autores (e.g., Worcester, 2002) consideram que a análise das condutas violentas deve ser localizada num contexto social, histórico e económico, onde homens e mulheres desempenham diferentes papéis e têm oportunidades distintas, bem como diferentes posições sociais.

No que concerne à legitimação da violência, de um modo geral, os estudos mais quantitativos (Mercer, 1988; O'Keefe, 1997 cit. in Price *et al.*, 1999) demonstram que os adolescentes, quer do sexo feminino quer do sexo masculino, evidenciam uma baixa concordância com o uso da violência nas relações íntimas. Estas evidências vão ao encontro dos resultados encontrados pelos reduzidos estudos conduzidos em Portugal (e.g., Machado, Matos & Moreira, 2003; Matos & Silva, 2001). Isto em parte poderá ser explicado pelo enfoque que os *media* têm vindo a dar ao fenómeno, associado aos programas de prevenção que têm sido implementados nas escolas, ainda que em baixo número.

Todavia, outros estudos (Price *et al.*, 1999) demonstram que, ainda que em minoria, um número significativo de jovens concorda com o uso de algum tipo de violência nas relações de namoro. Outros (e.g., Roscoe & Callahan, 1983; Roscoe & Kelsey, 1986 cit. in Glass *et al.*, 2003) salientam que uma percentagem considerável dos adolescentes (25-35%) interpreta a violência como um acto de amor.

Esta concordância com as crenças legitimadoras de violência parece ser mais elevada entre os homens (Machado, Matos & Moreira, 2003; Matos & Silva, 2001). Os rapazes subscrevem mais a crença de que a violência poderá ser justificável em função dos comportamentos das mulheres, consideram mais importante preservar a privacidade familiar e acreditam que a violência poderá ser atribuída a causas externas e fora do controlo do agressor (e.g., o álcool ou a pobreza), minimizando mais a “pequena violência” no contexto das relações íntimas (Machado, Matos & Moreira, 2003).

Uma outra investigação (Felm, 1994 cit. in Wolfe,

Wekerle & Scott, 1996) demonstrou também que os rapazes se auto-percebem como possuindo três vezes mais poder que as suas companheiras, agindo de acordo com os modelos dominantes na cultura. Assim, evidenciam uma postura de poder, competitividade e controlo, esperando encontrar nas suas relações a perpetuação destes papéis de género tradicionais. Estes dados vão de encontro à afirmação de Makepeace (1986 cit. in Jackson, 1999) de que os homens recorrem à violência como forma de manter o controlo e dominar as suas companheiras.

Por sua vez, as raparigas adolescentes parecem continuar a confundir ciúme com amor (Grishick, 1993 cit. in Wolfe, Wekerle & Scott, 1996), acabando por encarar a violência como sendo normal no curso das suas relações. Bergman (1992 cit. in Black & Weisy, 2003), num estudo desenvolvido com estudantes universitários, constatou que 75% das mulheres que tinham sido vitimadas nas suas relações de intimidade, continuavam a permitir a sua perpetração, à semelhança do que tipicamente ocorre no contexto conjugal.

O ciúme parece, igualmente, desempenhar um papel importante nas auto-atribuições para a violência efectuadas pelos rapazes (Gagne & Lavoie, 1993 cit. in Machado, Matos & Moreira, 2003), sendo esta também explicada como um acto de revolta (Patterson & Olday, 1999 cit. *ibidem*), como uma experiência de confusão e amor (e.g., Henton *et al.*, 1983; Roscoe & Callahan, 1985 cit. *ibidem*) ou, ainda, como resultado de ciúme. O estudo efectuado por Gagne e Lavoie (1993 cit. *ibidem*) evidenciou, igualmente, que as mulheres têm tendência para achar que é a intimidação que os seus parceiros querem obter quando recorrem à violência, enquanto os rapazes interpretam as suas agressões como o resultado das “provocações” femininas.

Desta forma, os dados sobre as atitudes em relação à violência na população juvenil parecem corroborar o que tem vindo a ser encontrado na população adulta (Machado, submetido para publicação), em que, a par de uma atitude geral de reprovação da violência, surgem crenças específicas que diminuem essa reprovação e legitimam as condutas abusivas. Para além do ciúme e da revolta, noções míticas acerca do romance, em que os papéis tradicionais de género são exacerbados (Prothrow-Stith, 1993 cit. in Black & Weisy, 2003) tornam os jovens particularmente vulneráveis face à violência. Desta forma se compreende que aqueles afirmem

aprovar a violência infligida pelos seus parceiros, em determinadas circunstâncias (Carlson, 1990 cit. *ibidem*). Um trabalho realizado por Price e Byers (1999), explora com mais profundidade a relação entre as atitudes de género tradicionais e a violência sexual, evidenciando que as jovens muitas vezes cedem às pressões dos seus companheiros devido à concepção subordinada do papel da mulher na relação e ao medo de os perderem caso não obedeçam às exigências que lhes são feitas.

Finalmente, a investigação (e.g., Black & Weisy, 2003) indica que os adolescentes que experienciam violência nas suas relações raramente se envolvem em comportamentos de ajuda, sendo que apenas 9% das vítimas jovens recorrem ao aparelho judicial para denunciar a sua situação. Esta relutância em procurar ajuda parece estar relacionada com múltiplos motivos: o medo de serem culpabilizados e de que a informação não permaneça em segredo (Foshee *et al.*, 1996 cit. in Black & Weisy, 2003), temerem que os adultos os pressionem para terminar a relação (Moffitt & Caspi, 2002), acharem que não vão ser ajudados (Black & Weisy, 2003), ou temerem punições parentais, quando os abusos aconteceram no contexto de condutas interditas, tais como o consumo de álcool ou relações proibidas pelos pais (Moffitt & Caspi, 2002). Quando decidem revelar a sua situação, a grande maioria dos jovens recorre aos amigos, em cerca de 67% dos casos. Apenas 17% recorrem às mães, 10% aos pais e 2% aos professores (Black & Weisy, 2003).

FACTORES DE RISCO PARA A VIOLÊNCIA

Uma grande diversidade de trabalhos tem vindo a tentar identificar os factores que podem incrementar condutas violentas nas relações amorosas juvenis (e.g., O'Keefe, 1998; Glass *et al.*, 2003; Lewis & Fremouw, 2001; Chase, Freboux & O'Leary, 2002; Gover, 2004). Para além da dimensão atitudinal já abordada anteriormente, uma revisão da literatura sobre os factores de risco para a perpetração de violência nas relações de namoro conduzida por Sugarman e Hotelling (1989, cit. in Arriaga & Oskamp, 1999) identificou a importância da auto-estima, do estatuto da relação (e.g., duração, estabilidade), de outras experiências de relacionamento passadas e das competências de comunicação interpessoal. Outros trabalhos (e.g., Dahlberg, 1998 cit. in Glass *et al.*, 2003; Lewis & Fremouw, 2001)

acrescentam a estas dimensões, o funcionamento familiar e ausência de práticas educativas adequadas, bem como o isolamento social e a falta de competências de resolução de problemas, como sendo factores susceptíveis de conduzir ao desenvolvimento de comportamentos violentos nas relações íntimas. Outros estudos ainda (e.g., Coker *et al.*, 2000; Lavoie *et al.*, 2000; Magdol *et al.*, 1997 cit. in Gover, 2004) encontraram uma associação entre o abuso de álcool ou drogas e condutas violentas no namoro.

Quanto aos factores de risco específicos para a ocorrência de violência sexual nas relações íntimas, destacam-se, entre outros, a actividade sexual precoce das vítimas, bem como a sua baixa-auto-estima e experiências anteriores de vitimação sexual (e.g., Ellickson & McGuigan, 2000; Silverman *et al.*, 2001 cit. in Glass *et al.*, 2003).

De entre os múltiplos factores de risco identificados na literatura, a exposição à violência na infância é o que mais polémica tem gerado. Assim, enquanto muitos (e.g., Riggs *et al.*, 1990 cit. in O'Keefe, 1998) defendem a existência de uma relação entre observar a violência interparental e violência na intimidade juvenil, outros (e.g., Comings, 1984 cit. *ibidem*) consideram não existir qualquer conexão entre estas duas variáveis. Há, no entanto, múltiplas evidências desta associação, tal como demonstram os estudos de Dahlberg (1998) sobre o impacto da exposição a múltiplas formas de violência familiar (e.g., maus-tratos a menores, violência conjugal) ao nível da vitimização e perpetração da violência nas relações futuras, ou ainda, o trabalho de O'Keefe e colaboradores (1986 cit. in Glass *et al.*, 2003), no qual se conclui que mais de 50% dos adolescentes vítimas de abuso na intimidade tinham presenciado violência interparental. Wolf e Foshee (2003) interpretam este tipo de resultados a partir da ideia de que os adolescentes expostos à violência familiar tendem a desenvolver estilos de expressão da raiva, tornando-se propensos à perpetração de comportamentos violentos nas relações amorosas.

Os dados empíricos sugerem, se olhados com maior profundidade, que o impacto específico da exposição precoce à violência pode ser moderado pelo género. Assim, Follingstad e colaboradores (1992 cit. in O'Keefe, 1998) referem que a exposição à violência interparental constitui um factor de risco para a vitimização nas relações de intimidade juvenil, essencialmente no caso das raparigas. O efeito oposto será mais típico nos rapazes, apresentando estes uma maior probabilidade de virem a exhibir compor-

tamentos agressivos para com as suas namoradas ou esposas caso tenham testemunhado violência interparescente (e.g., Riggs *et al.*, 1990; Straus, 1992; Straus, Kaufman & Kantor, 1994 cit. in Rosen, Bartle-Haring & Stith, 2001). Há, contudo, autores que documentam um maior risco de perpetração da violência também entre as mulheres expostas à agressão entre os pais (Breslin, Riggs, O'Leary & Árias, 1990; DeMaris, 1990; Straus, 1992 cit. *ibidem*).

IMPACTO DA VIOLÊNCIA NA INTIMIDADE JUVENIL

Os estudos que procuram analisar as implicações deste tipo de condutas, centraram-se inicialmente na saúde física e psicológica das mulheres adultas agredidas, sendo poucos os estudos ao nível das consequências para as vítimas masculinas e juvenis, bem como para os ofensores (Glass *et al.*, 2003). A investigação tem vindo assim a demonstrar que a violência contra as mulheres tem consequências significativas para a sua saúde física e mental, sendo a mais severa o homicídio ou o suicídio feminino (Sharps & Campbell, 1999). Outras sequelas decorrentes deste tipo de vitimação têm sido elencadas, particularmente, a desordem de stress pós-traumático, a baixa auto-estima, as reacções psicossomáticas e o decréscimo do rendimento profissional (Chase, Treboux & O'Leary, 2002). Um trabalho desenvolvido ao nível nacional por Matos (2002) considera que a violência na intimidade pode desencadear nas vítimas uma grande diversidade de sentimentos, apresentando, na sua maioria, uma auto-percepção desvalorizada, um ceticismo e um sentimento de impotência que as impede de se percepcionarem como seres com poder e direitos.

Um estudo envolvendo estudantes ao nível do secundário que tinham experienciado violência nas suas relações íntimas comprova as consequências perniciosas que este tipo de abuso pode desencadear também na população juvenil, designadamente, depressão, raiva, ansiedade, desordem de stress pós-traumático, insucesso escolar e ideação suicida (Singer, Anglin, Song & Lunghofer, 1995 cit. in Glass *et al.*, 2003).

O impacto da violência nas vítimas não é, no entanto, um processo linear, dependendo de um conjunto de factores que poderão agravar ou atenuar os seus efeitos. Assim, a existência de histórias

anteriores de vitimação, a frequência, duração e gravidade dos actos de violência, a proximidade ofensor-vítima e os tipos de vitimação sofridos (múltipla, secundária e vicariante), tendem a mediar os efeitos negativos da violência (Matos & Machado, 1999). É, assim, provável que os efeitos da violência na intimidade juvenil sejam particularmente notórios nos referidos casos em que esta sucede a uma história familiar já permeada pelo abuso, sofrido directa ou indirectamente.

CONCLUSÃO

A adolescência, instituindo-se como período de grandes mudanças e transições, desempenha um papel fulcral no desenvolvimento dos jovens, que nesta fase incrementam a construção de relações fora do contexto familiar, em busca de autonomia e definição da sua identidade. Todavia, muitas vezes, os jovens deparam-se com cenários relacionais inesperados, pautados por comportamentos violentos e outras formas de coerção, face aos quais poderão ser levados a adoptar uma postura de legitimação, concebendo tais práticas como uma manifestação de amor e/ou ciúme. É pois urgente que continuemos a investigar este fenómeno de vitimação, na tentativa de delinear um conjunto de acções preventivas que possibilitem à população juvenil identificar como abusivas estas condutas e refutar as argumentações culturais que ainda as sustentam.

Apesar de a pesquisa nesta área, nas últimas décadas, se ter desmultiplicado, ao nível nacional os estudos são ainda incipientes, fornecendo uma visão pouco integrada das dinâmicas que estes fenómenos encerram. Assim, parece-nos fundamental que as investigações futuras atendam a algumas questões que têm sido até agora negligenciadas, como sejam a compreensão da sequência interactiva e do contexto em que surgem os actos abusivos relatados, bem como as significações e o impacto do abuso experienciado/exibido pelos participantes (Machado, Matos & Moreira, 2003).

Uma complementaridade entre análises quantitativas e qualitativas é, igualmente necessária, de forma a alcançar-se uma leitura mais compreensiva do fenómeno, em particular das relações entre violência e género (DeKeseredy & Schwartz, 1998). De igual modo, deverá haver uma preocupação em ampliar a investigação a outros tipos de violência, para além do abuso físico. Finalmente, é premente alargar

as amostras dos estudos conduzidos entre nós para além do contexto universitário, procurando abranger outros grupos sociais, geralmente invisíveis na literatura no que concerne a este fenómeno (Jackson, 1999).

REFERÊNCIAS

- APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2004). *Relatório de actividades do projecto IUNO*.
- Arriaga, O. B., & Oskamp, S. (1999). The nature, correlates and consequences of violence in intimate relationships. In X. B. Arriaga, & S. Oskamp (Eds.), *Violence in intimate relationships* (pp. 3-15). Thousand Oaks: The Claremont Symposium on Applied Social Psychology.
- Berry, B. D. (2000). *The domestic violence sourcebook: Everything you need to know*. Los Angeles: Lowell House.
- Black, M. B., & Weisy, N. A. (2003). Dating violence. Help-seeking behaviors of African American middle schoolers. *Violence Against Women*, 9. Detroit: Sage Publications.
- Caridade, S., & Matos, M. (2003). *O exemplo de um programa de prevenção primária junto de estudantes no ensino secundário*. Texto policopiado. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Chase, K. A., Treboux, D., & O'Leary, K. D. (2002). Characteristics of high-risk adolescent's dating violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 17, 33-49.
- Coker, A. L., Mckeown, R. E., Sauderson, M., Davis, K. E., Valois, R. E., & Huebner, E. S. (2000). Severe dating violence and quality of life among South Carolina high school students. *American Journal of Preventive Medicine*, 19, 220-227.
- Currie, D. H. (1998). Violent men or violent women? Whose definition counts? In R. K. Bergen (Ed.), *Issues in intimate violence* (pp. 97-111). Thousand Oaks: Sage Publications.
- DeKeseredy, W. S., & Schwartz, M. D. (1998). Male peer support and woman abuse in postsecondary school courtship suggestions for new directions in sociological research. In R. K. Bergen (Ed.), *Issues in intimate violence* (pp. 83-96). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Dobash, R. P., & Dobash R. E. (2004). Women's violence to men in intimate relationships. *British Journal of Criminology*, 44, 324-349.
- Englander, E. K. (1997). *Understanding violence*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Gelles, R. J. (1997). *Intimate violence in families*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Glass, N., Fredland, N., Campbell, J., Yonas, M., Sharps, P., & Kub, J. (2003). Adolescent dating violence: Prevalence, risk factors, health outcomes and implications for clinical practice. *JOGNN Clinical Issues*, 32, 227-238.
- Gover, A. R. (2004). Risky lifestyles and dating violence: A theoretical test of violent victimization. *Journal of Criminal Justice*, 32, 171-180.
- Hamberger, L. K., & Holtzworth-Munroe, A. (1994). Partner violence. In F. Dattilio, & A. Freeman (Eds.), *Cognitive-behavioral strategies in crises intervention* (pp. 302-322). New York: Guilford Press.
- Hamby, S. (1998). Partner violence. Preventive and intervention. In J. Jasinski, & L. Williams (Eds.), *Partner violence – A comprehensive review of 20 years research* (pp. 211-260). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: A review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, 4, 233-247.
- Lavoie, F., Robitaille, L., & Research Hébert, M. (2000). Teen dating relationships and aggression. *Violence Against Women*, 6, 6-36.
- Lewis, S. F., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21, 105-127.
- Machado, C. (submetido para publicação). Violência nas famílias portuguesas. Um estudo representativo na região Norte. *Psychologica*.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Mahoney, P., Williams, L. M., & West, C. M. (2001). Violence against women by intimate relationships partners. In C. M. Renzetti, J. L. Edleson, & R. K. Bergen (Eds.), *Sourcebook on violence against women* (pp. 143-178). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Magdol, L., Moffitt, T. E., Caspi, A., Fagan, J., & Silva, P. A. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-year-olds: Bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65, 68-78.
- Matos, M. (2000). *Violência conjugal: O processo de construção da identidade da mulher*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre em Psicologia, na especialidade de Psicologia da Justiça. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Matos, M. (2002). Violência conjugal. In C. Machado, & R. A. Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crimes. Vol I: Adultos* (pp. 81-130). Coimbra: Quarteto.
- Matos, M., & Machado, C. (1999). Violência conjugal e o modelo de intervenção em crise. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 373-388.
- Moffitt, T. E., & Caspi, A. (2002). Como prevenir a continuidade intergeracional do comportamento anti-social: Implicações da violência entre companheiros. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família* (pp. 373-396). Coimbra: Almedina.
- Nutt, R. L. (1999). Women's gender-role socialization, gender-role conflict and abuse. In M. Harway, & J. M. O'Neil (Eds.), *What causes men's violence against women?* (pp. 117-134). London: Sage Publications.

O'Keefe, M. (1998). Factors mediating the link between witnessing interparental violence and dating violence. *Journal of Family Violence*, 13, 39-57.

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.

Price, E. L., Byers, E. S., & Dating violence research team (1999). The attitudes towards dating violence scales: Development and initial validation. *Journal of Family Violence*, 4, 387-415.

Rosen, K. H., Bartle-Haring, S., & Stith, S. M. (2001). Using Bowen theory to enhance understanding of the intergenerational transmission of dating violence. *Journal of Family Issues*, 22, 124-142.

Saunders, D. G. (2002). Are physical assaults by wives and girlfriends a major social problem? A review of the literature. *Violence Against Women*, 8, 1424-1448.

Sharps, P. W., & Campbell, J. (1999). Health consequences for victims of violence in intimate relationships. In X. B. Arriaga, & S. Oskamp (Eds.), *Violence in intimate relationships* (pp. 163-176). Thousand Oaks: The Claremont Symposium on Applied Social Psychology.

Silva, M. J., & Matos, M. (2001). *Percepções da violência entre estudantes do ensino secundário*. Texto policopiado. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by males and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10, 790-811.

Straus, M. A., & Medeiros, R. (2002). *Gender differences in risk factors for physical violence between dating partners by university students*. Paper presented at the American Society of Criminology annual meeting, Chicago, IL. Durham, NH: University of New Hampshire, Family Research Laboratory.

Straus, M. A., & Ramirez, I. L. (2002). *Gender symmetry in prevalence, severity and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in México and USA*. Family Research Laboratory, University of New Hampshire.

Walker, L. (1994). *Abused women and survivor therapy: A practical guide for the psychotherapist*. Washington, DC: American Psychological Association.

Wolfe, K. A., & Foshee, V. A. (2003). Family violence, anger expression styles and adolescent dating violence. *Journal of Family Violence*, 18, 309-316.

Wolfe, D. A., Wekerle, C., & Scott, K. (1996). *Alternatives to violence: Empowering youth to develop healthy relationships*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Worcester, N. (2002). Women's use of force. *Violence against women*, 8, 1390-1415.

RESUMO

A investigação internacional na área da violência nas relações íntimas juvenis tem experimentado um crescimento exponencial, sobretudo nas últimas duas décadas. Também em Portugal começam a surgir alguns estudos a este nível. Este artigo pretende constituir uma revisão da literatura sobre o tema, em que se procura destacar os indicadores de prevalência deste tipo de abuso nos jovens, em termos de vitimização e perpetração, dando especial enfoque à relação entre vitimização, agressão e género. Simultaneamente, são alvo de análise as crenças e atitudes subjacentes a este tipo de violência, os factores de risco para a sua ocorrência, assim como o impacto a curto, médio e longo-prazo deste fenómeno na vida dos jovens. Este artigo encerra com algumas recomendações a atender em investigações futuras, de forma a prover uma compreensão mais profunda sobre este fenómeno.

Palavras-chave: Violência, namoro, jovens, género, atitudes.

ABSTRACT

International research on dating violence relationships has increased exponentially, especially in the last two decades. Also in Portugal, some studies have been conducted in this area. This article intends to present a review of the current body of literature about this theme, focused on the prevalence rates of this kind of abuse, and with a special emphasis on the relationship between victimization, aggression and gender. Simultaneously, beliefs and attitudes about this form of violence are analysed, as well as the risk factors to its occurrence, and it's impact of violence in life of the young persons involved. This article concludes discussing some suggestions for future research in order to achieve a better comprehension of this problem.

Key words: Violence, dating, youngs, gender, attitudes.